

Os Sete Mitos da Educação Desmentidos pelas Análises Baseadas no Exame PISA da OCDE – Com Comentários

ROBERTO LOBO, 4 de março de 2016

Recentemente uma importante publicação apresentou os pontos de vista de Andreas Schleicher, diretor encarregado do teste Pisa, que traz importantes revelações ou confirmações sobre algumas questões controversas sobre os sistemas de ensino no mundo. A tradução livre feita aqui é para divulgar esse estudo, sendo acompanhada nesse texto por alguns comentários que faço baseados na minha própria experiência e em meus estudos sobre o tema, *em itálico após cada item*.

O homem encarregado dos testes Pisa, Andreas Schleicher, afirma que a prova realizada em países de todo o mundo revela alguns grandes mitos sobre o que faz um sistema de ensino básico ter sucesso.

1. Alunos desfavorecidos estão condenados a ir mal na escola.

Professores de todo o mundo lutam para compensar a desvantagem social em suas salas de aula. Alguns acreditam que a privação é destino. E, no entanto, os resultados dos testes do PISA mostram que os 10% dos estudantes de 15 anos de idade mais desfavorecidas em Xangai têm melhores habilidades de matemática do que os 10% de estudantes mais privilegiados nos Estados Unidos e em vários países europeus. Alguns americanos que criticam as comparações internacionais no ensino argumentam que o valor destas comparações é limitado porque os Estados Unidos têm algumas divisões socioeconômicas exclusivas. Mas os Estados Unidos são mais ricos do que a maioria dos países e gasta mais dinheiro em educação do que a maioria deles, os seus pais têm um nível de educação mais elevado também, e a quota de alunos social e economicamente desfavorecidos está em torno da média da OCDE. O que as comparações mostram é que as desvantagens socioeconômicas têm um impacto particularmente forte no desempenho dos estudantes nos Estados Unidos. Em outras palavras, nos Estados Unidos, dois alunos de diferentes origens socioeconômicas variam muito mais em seus resultados de aprendizagem do que é tipicamente o caso nos países da OCDE. Em geral, o PISA mostra que as crianças de origens sociais semelhantes podem mostrar níveis de desempenho muito diferentes, dependendo da escola para eles vão ou do país em que vivem. Os sistemas de ensino onde os alunos desfavorecidos conseguem sucesso são capazes de moderar as desigualdades sociais. Eles tendem a atrair os professores mais talentosos para as salas de aula mais desafiadoras e os dirigentes escolares mais capazes para as escolas mais desfavorecidas, desafiando, assim, todos os alunos com altos padrões e excelente ensino.

Meus comentários: Não acreditar que estudantes com deficiências culturais ou econômicas estão fadados ao insucesso foi uma das políticas que minha experiência (como professor e reitor) sempre ajudou a pautar em minhas ações. A resposta dos estudantes aparece em pouco tempo se houver estímulo ao seu aprendizado e confiança na sua capacidade de adquirir competências, desde que realisticamente planejada. Colocar melhores professores, mais experientes e competentes nos primeiros anos é uma das ações possíveis.

2. Integrar os imigrantes pode ser um desafio.

E, no entanto, os resultados dos testes do PISA não mostram nenhuma relação entre a percentagem de alunos de origem imigrante em um país e o desempenho geral dos estudantes nesse mesmo país. Mesmo os estudantes com o mesmo histórico de migração e de background

mostram níveis de desempenho muito diferentes entre os países, sugerindo que onde os alunos vão para as escolas faz muito mais diferença do que de onde eles vêm.

Meus comentários: Posto nessa forma, faz todo o sentido o que está colocado. Essa questão é pouca discutida no Brasil, mas está no centro das discussões em países onde a pressão da imigração de populações de menor desenvolvimento socioeconômico tem sido significativa. Os resultados da educação dependem do contexto e dos sistemas onde ela se dá, podendo superar eventuais deficiências culturais ou de formação.

3. É tudo sobre dinheiro

A Coreia do Sul, o país da OCDE com melhor desempenho em matemática, gasta bem menos do que a média por aluno.

O mundo já não é dividido entre países ricos e bem-educados e pobres e mal-educados. Sucesso nos sistemas de educação já não é sobre quanto dinheiro é gasto, mas sobre como o dinheiro é gasto.

Os países precisam investir na melhoria da educação e habilidades se eles querem competir em uma economia global cada vez mais baseada no conhecimento.

E, no entanto, as despesas de educação por estudante explica menos de 20% da variação no desempenho dos estudantes nos países da OCDE.

Por exemplo, os estudantes na República Eslovaca, que gasta cerca de \$ 53.000 (£ 35.000) por aluno na faixa etária entre 6 e 15, tem, em média, o mesmo nível aos 15 anos, dos Estados Unidos, que gastam mais de \$ 115.000 (£ 76,000) por aluno.

Meus comentários: O que se pode observar em um gráfico que coloque gastos por aluno vs desempenho em matemática no PISA é que, até um certo valor, há uma clara relação entre investimento no aluno e desempenho. A partir desse valor não há mais uma correlação nítida entre essas variáveis. Resumindo: a partir de um investimento mínimo necessário, a forma de como se gasta prepondera sobre o quanto se gasta (ver meu blog “Desafio Gigantesco da Educação”).

4. Turmas menores elevam os padrões

Em todos os lugares, professores, pais e formuladores de políticas educacionais favorecem as pequenas classes como a chave para uma educação melhor e mais personalizada.

As reduções no tamanho da classe também têm sido a principal razão por trás dos aumentos significativos das despesas por estudante na maioria dos países durante a última década.

E, no entanto, os resultados do PISA não mostram nenhuma relação entre o tamanho da classe e resultados de aprendizagem, nem dentro nem entre os países.

Mais interessante, os sistemas de educação de melhor desempenho em Pisa tendem a priorizar sistematicamente a qualidade dos professores sobre o tamanho das classes. Onde quer que eles têm que fazer uma escolha entre uma classe menor e um professor melhor, eles vão para o último.

Ao invés de colocar dinheiro em classes pequenas, todos deveriam investir em salários de professores que fossem competitivos, em desenvolvimento profissional contínuo e no equilíbrio na jornada de trabalho.

Meus comentários: Totalmente de acordo, só vale ressaltar que pode haver um ganho em classes menores em tamanho, principalmente nas séries iniciais, como mostram alguns estudos, mas estudos também mostram que o efeito do bom professor é muito mais forte (contando com uma

estrutura de apoio adequada) do que a dimensão da turma (até um certo ponto, é claro) e a estratégia proposta no texto é para ser considerada seriamente como política de estado.

5. Os sistemas abrangentes são mais justos, mas quem coloca os melhores juntos obtém resultados mais elevados dessas turmas

Há uma sabedoria convencional que vê um sistema abrangente não seletivo como projetado para promover a justiça e a equidade, enquanto um sistema escolar com a seleção acadêmica é destinado à qualidade e à excelência.

E, no entanto, as comparações internacionais mostram que não há incompatibilidade entre a qualidade da aprendizagem e da equidade, os sistemas de educação de melhor desempenho podem combinar ambos.

Nenhum dos países com um alto grau de estratificação, seja sob a forma de rastreamento, fluxo, ou repetência está entre os principais sistemas de ensino com melhores desempenhos. A separação por nível de desempenho não garante melhores resultados para o sistema.

Meus comentários: A arte de unir os dois propósitos é difícil, mas fundamental. Tirar o máximo e o melhor de cada um deve ser a filosofia educacional (isso é comum), mas esse máximo não é o mesmo para todos (isso é individual), e a seleção deve ser utilizada não como excludente, mas como orientadora do percurso de cada estudante. Não separar “melhores” e “piores” não significa pasteurizar o ensino pela inflexibilidade e rigidez absolutamente uniforme, sem levar em conta motivações e talentos.

5. O mundo digital precisa de novos temas e um currículo mais amplo. A globalização e as mudanças tecnológicas são um impacto importante sobre o que os alunos precisam saber. Quando se pode ter acesso a tantos conteúdos no Google, onde as habilidades de rotina estão sendo digitalizadas ou terceirizadas, e onde os trabalhos estão mudando rapidamente, o foco está em permitir que as pessoas para se tornarem alunos ao longo da vida, precisam gerir formas complexas de pensar e trabalhar. Em suma, o mundo moderno já não nos recompensa apenas pelo que sabemos, mas o que podemos fazer com o que sabemos. Muitos países estão refletindo sobre isso e expandindo currículos escolares com novas disciplinas escolares. A tendência mais recente, que se reforçou na crise financeira, era para ensinar aos alunos habilidades financeiras. Mas os resultados do Pisa mostram que não há nenhuma relação entre o grau de educação financeira e a competência financeira. Na verdade, alguns desses sistemas de ensino onde os alunos se dão melhor na avaliação

6.

7. Pisa na competência financeira não ensinaram isso diretamente, mas investiram seus esforços no desenvolvimento de habilidades de matemática profundas. De modo mais geral, nos principais sistemas de ensino não se procura cobrir uma milha com uma polegada de profundidade, mas tendem a ser rigorosos, com alguns pontos ensinados e aprendidos em profundidade.

Meus comentários: A base matemática tem sido uma competência essencial para o mundo financeiro, entre outras áreas onde a matemática fornece a base para modelos e algoritmos essenciais ao desenvolvimento quantitativo das técnicas e previsões. Mas é importante que a matemática seja encarada como competência e não memorizações de teoremas e demonstrações.

Ela é útil quando o estudante sabe operar com ela, unindo a teoria e a prática. Não é atoa que estudantes de Engenharia são tão requisitados para o mercado financeiro.

7. O sucesso depende de se nascer com talento. Os escritos de muitos psicólogos educacionais têm fomentado a crença de que o desempenho do aluno é principalmente um produto da inteligência herdada, não do trabalho duro. As descobertas de Pisa também mostram que essa crença é equivocada, com uma quota significativa de estudantes no mundo ocidental relatando que eles precisavam de boa sorte ao invés de trabalhar duro para ir bem em matemática ou ciência. Acreditar na sorte é uma característica que consistentemente se relaciona negativamente para o desempenho no Pisa. Os professores podem se sentir culpados empurrando os estudantes que são percebidos como menos capazes de atingir em níveis mais elevados, porque eles acham que é injusto para o aluno. Seu objetivo mais provável é permitir que cada aluno alcance à média dos demais alunos nas salas de aula, em vez de, como na Finlândia, Singapura ou Xangai, China, tentar atingir elevados padrões universais. Uma comparação entre notas escolares e desempenho dos alunos no Pisa também sugere que os professores muitas vezes esperam menos de alunos de origens socioeconômicas mais baixas. E os alunos e seus pais podem esperar menos também. Este é um pesado fardo para os sistemas de educação suportarem sendo improvável que sistemas escolares fracos venham a atingir a paridade de desempenho com os países com melhor desempenho até que aceitem que todas as crianças possam atingir os níveis muito elevados. Na Finlândia, Japão, Singapura, Xangai e Hong Kong, alunos, pais, professores e ao público em geral tendem a partilhar a crença de que todos os alunos são capazes de atingir elevados padrões. Os alunos nesses sistemas consistentemente relataram que, se eles trabalharem duro, eles confiam em seus professores para ajudá-los a se sobressaírem. Um dos padrões mais interessantes observadas entre alguns dos países com melhor desempenho foi a substituição gradual de um sistema em que os alunos eram transferidos para diferentes tipos de escolas secundárias. Esses países não realizam essa transição pela média, definindo as novas normas a esse nível. Em vez disso, eles elevaram os padrões, exigindo que todos os alunos deveriam atender os padrões que eram esperados anteriormente para ser atingidos apenas por seus estudantes de elite. Nestes sistemas de ensino, as expectativas elevadas universais não são um mantra, mas uma realidade.

Meus comentários: Acho que o propósito é justo e correto e deve ser visto e tratado dessa forma para o sistema em geral. Entretanto, a maioria dos países avançados possuem programas especiais para alunos superdotados, pois dentro do alto desempenho o talento inato ainda fará diferença para o estudante, para o país e para a humanidade. Não será verdade que desenvolver as maiores capacidades de cada estudante deve ser um dos objetivos da educação?